

A formação profissional do consultor e o desempenho econômico de fazendas de produção de leite

João Cesar de Resende e Duarte Vilela

Introdução

A partir do enfraquecimento da assistência técnica rural pública no Brasil, tem ganhado importância a assistência privada. No caso da produção de grãos, principalmente para os maiores produtores, esta assistência geralmente é prestada e patrocinada pela própria indústria de insumos e equipamentos. Neste caso a indústria presta a assistência do “pós venda” que, embora apresente o inevitável viés comercial do técnico, acaba por se tornar uma importante fonte de conhecimento e modernização tecnológica para os produtores beneficiados. Na pecuária leiteira os produtores recebem predominantemente a assistência participativa. A indústria processadora ou a própria cooperativa divide o custo do consultor de campo com o produtor assistido. Para os produtores medianos, participantes dos principais programas de apoio em andamento no Brasil (Balde Cheio e Educampo, por exemplo) o consultor recebe em torno de um salário mínimo mensal por fazenda acompanhada. Despesas com alimentação, deslocamento e hospedagem para visitar as fazendas uma a duas vezes por mês ficam a cargo do próprio consultor. Ao produtor assistido cabe pagar metade do valor (meio salário mínimo por mês) que vem descontado na folha de recebimento do leite. Paga sem muito reclamar e, melhor, a assistência recebida não vem “de graça” e acaba sendo mais eficaz. O produtor valoriza e segue mais cuidadosamente as orientações repassadas pelo consultor.

Para os consultores de campo este tipo de assistência vem se tornando uma fonte importante de ocupação e rendimento profissional. Cada consultor consegue atender e acompanhar até vinte fazendas por mês. Alguns, além do atendimento às fazendas, conseguem conciliar tempo para exercer outra atividade produtiva. Às vezes até como produtor de leite.

A consultoria a produtores de leite se transformou em um importante mercado de trabalho para zootecnistas, agrônomos e veterinários, pois geralmente o consultor é formado em uma destas três áreas. Chegam nas fazendas profissionais cada vez mais especializados e entendidos nas minúcias da produção de leite, apoiando a transferência de tecnologia e modernização dos produtores. Lógico que, em muitos casos, o consultor é um excelente profissional prático que detém, no máximo, o curso médio profissionalizante. A experiência de campo preencheu as lacunas de conhecimento não adquiridos na universidade.

Atuação do consultor na fazenda assistida

A atividade leiteira envolve um processo produtivo muito complexo que demanda dos profissionais conhecimentos em múltiplas áreas. Na verdade, é uma das atividades que mais exige conhecimentos gerais do produtor ou mesmo do técnico que presta assistência. As especialidades estão centradas basicamente na agronomia, veterinária e zootecnia, mas muitas vezes o profissional se vê forçado a atuar também como um advogado ou um psicólogo, ou até mesmo um conselheiro familiar, por exemplo.

Levando em conta que geralmente a fazenda é assistida por um único consultor e não por uma equipe de especialistas de múltiplas áreas do conhecimento, surge uma questão: como reage o consultor quando a demanda da fazenda envolve o conhecimento de um ou dois profissionais? Uma situação: o consultor é um veterinário e, durante a visita à fazenda, se vê forçado a opinar sobre uma formulação de fertilizantes. Ele – aproveitando da experiência adquirida com o colega agrônomo – “quebra o galho” do fazendeiro e faz a recomendação? Ou busca o apoio do amigo agrônomo da área? Leitor, você já presenciou

uma situação destas? Saberia dizer qual a atitude tomada pelo consultor?

Outra questão – que este artigo vai tentar responder – é sobre a relação entre o resultado prático da assistência na fazenda assistida com a formação profissional do consultor. Se uma indústria ou cooperativa tem recursos para contratar apenas um consultor para assistir seus fornecedores de leite, deve optar por um profissional de qual das três áreas em foco? Qual dos três teria condições de melhor substituir as duas outras áreas?

Uma tentativa para responder com dados reais a questão

Uma amostra de 189 fazendas produtoras de leite, todas situadas em municípios da Região do Triângulo Mineiro, tradicional bacia leiteira de Minas Gerais, acompanhadas e assistidas pelo Projeto Educampo, coordenado pelo Sebrae/MG, tiveram seus dados produtivos e de rentabilidade mensais cuidadosamente registrados entre agosto de 2010 e julho de 2011. Os consultores responsáveis pela assistência e acompanhamento das fazendas eram todos veterinários, agrônomos ou zootecnistas. Ou seja, algumas fazendas recebiam consultoria técnica mensal e presencial de um agrônomo, outras de um veterinário e outras de um zootecnista.

As fazendas foram separadas em três grupos, de acordo com a formação profissional do consultor que as acompanhava. Ou seja, as fazendas acompanhadas pelos veterinários, as acompanhadas por agrônomos e as acompanhadas por zootecnistas. O único critério para montar cada um dos três grupos foi, portanto, a formação profissional do consultor responsável pela orientação ao fazendeiro. A intenção foi tentar descobrir, ou pelo menos chegar a alguma pista,

em qual grupo de fazendas a consultoria causou maior impacto. Ou melhor, em qual grupo de fazendas a assistência técnica foi mais eficaz.

Neste ponto surgiu uma questão: como medir a eficácia do trabalho do consultor em uma fazenda de produção de leite?

Taxa de Retorno Sobre o Capital Investido

A atividade leiteira é complexa e envolve muitas ou mesmo ilimitadas variáveis. Consequentemente podem-se medir inúmeros indicadores em uma fazenda produtora de leite. São indicadores que podem ser caracterizados como técnicos, produtivos, reprodutivos, financeiros e de conjuntura. Entre eles estão, por exemplo, produtividade por vaca e por área, produtividade da mão de obra, peso dos animais, padrão genético do rebanho, taxa de lotação das pastagens, tipo de alimento utilizado, produção total de leite, idade de novilhas ao primeiro parto, taxa de concepção, intervalo entre partos, taxa de mortalidade, total de despesas, custo operacional, renda bruta, preço do leite e preço de insumos. Existem muitos outros indicadores, às vezes também denominados “coeficientes técnicos”. Tem, no entanto, um indicador econômico que – pelo menos teoricamente e no entendimento acadêmico – representa bem a combinação, interação, convergência e o resultado final de vários outros indicadores ou coeficientes técnicos da produção de leite.

Este indicador é a Taxa de Retorno Sobre o Capital Investido. Nos tratados de economia é geralmente representado pela letra *r* (letra *r* minúscula). No caso do leite, *r* é calculada por meio da divisão da renda líquida da fazenda pelo valor total do capital investido na produção. É medido em termos percentuais. Se *r* = 8,0 % ao ano, significa que para cada 100 reais investidos na fazenda (em construções, máquinas, equipamentos e animais,

exceto terra) para produzir leite, o produtor tem um retorno de oito reais líquidos no ano. Com uma r de 8,0% ao ano um produtor de leite, trabalhando na atividade, recupera totalmente seu capital em 12 anos e seis meses.

Este, portanto, foi o indicador escolhido para avaliar a eficácia do trabalho do consultor na fazenda assistida. Espera-se que, se for avaliado um grupo considerável de fazendas, um consultor técnico mais eficiente leva as fazendas a obter uma r maior. Com um consultor menos eficiente as fazendas têm uma r média menor. O raciocínio é feito em termos médios.

Polêmico, mas se tivesse de medir a eficiência de um consultor, o leitor teria outro indicador para sugerir? Ao responder, lembrar que uma fazenda com produtividade diária de 25 litros de leite por vaca pode ser menos lucrativa do que uma fazenda com 15 litros por vaca.

Resultado provisório

A amostra de produtores utilizada para elaborar este estudo foi detalhadamente descrita em tese de doutorado desenvolvida pelo primeiro autor no Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Lavras, sob a orientação dos professores Marcos Neves Pereira e José Ferreira Noronha. O texto completo desta tese pode ser lido no link www.alice.cnptia.embrapa.br/.../TeseDoutJoaoCesarDLFleiteiras.pdf A variável que identifica a formação profissional do consultor responsável pela assistência às fazendas foi levantada por meio de pesquisa e acrescentada à base de dados original cedida pela coordenação do projeto Educampo.

Ao separar as fazendas de acordo com a formação profissional do consultor, foi observado que cada grupo teve um número diferente de

fazendas. Aparentemente, também o valor médio de r foi diferente em cada grupo (Tabela 1).

Tabela 1. Taxa de retorno sobre o capital investido em três grupos de fazendas produtoras de leite, separadas de acordo com a formação profissional do consultor responsável pela assistência e acompanhamento técnico.

Grupo	Número de fazendas no grupo	Taxa de retorno sobre o capital investido na fazenda (r)
Grupo 1	21	8,6
Grupo 2	107	5,2
Grupo 3	31	1,0

Fonte: Dados fornecidos pelo Educampo, tabulados e analisados pelos autores.

Para evitar polêmica, neste artigo não será revelada a formação profissional do consultor responsável por cada grupo de fazendas. Importante apenas entender que todas as fazendas de um mesmo grupo eram acompanhadas por um profissional com a mesma formação acadêmica. Para entender melhor: todas as 107 fazendas do grupo 2 eram assistidas por consultores com a mesma formação profissional. Não se sabe, no entanto, se eram agrônomos, veterinários ou zootecnistas.

Neste ponto cabe mais uma dúvida para reflexão: os fazendeiros donos das fazendas do grupo 2 preferiram optar pela contratação de um consultor com determinada formação acadêmica?

Aceitando r como indicador do resultado prático da consultoria contratada pela fazenda, pode-se levantar algumas novas questões para discussão e reflexão do leitor. As fazendas do grupo 1 foram as que tiveram a maior taxa média de retorno sobre o capital ($r = 8,6\%$), bastante superior a das fazendas do grupo 3 ($r = 1,0\%$). A r do grupo 2 foi intermediária ($5,2\%$).

Esta diferença de rentabilidade entre os três grupos de fazendas pode se tratar de um evento

do acaso. Se for assim, não há o que se discutir.

Mas se não foi por acaso que as fazendas do grupo 1 tiveram uma maior rentabilidade, pode ser que os consultores responsáveis pela assistência técnica destas fazendas eram profissionalmente mais competentes e mais completos do que os consultores responsáveis pelas fazendas do grupo 3. A verdade é que o desempenho econômico das fazendas do grupo 1 foi superior ao das fazendas do grupo 3.

Fica, portanto, a pergunta para reflexão: a formação profissional do consultor foi o fator responsável para que determinado grupo de fazendas lograsse uma maior lucratividade?

Conclusão

O efeito da formação acadêmica do consultor sobre o desempenho econômico de fazendas de leite assistidas precisa ser avaliado. Muitos programas de assistência privada a produtores de leite estão em andamento no Brasil e,

em sua quase totalidade, os consultores são veterinários, zootecnistas ou agrônomos. Alguns destes programas já estão com quase vinte anos de duração e com registro periódico de muitas informações de desempenho técnico e econômico. Portanto, dados estatísticos existem para fundamentar um bom estudo. Falta conseguir as informações com os coordenadores dos programas, organizar e proceder as análises.

No trabalho prestado às fazendas, além das questões técnicas, estes profissionais são muito demandados na área de gestão. Se o estudo comprovar que, estatisticamente, a formação acadêmica influencia o resultado da atuação do profissional, as grades curriculares destes cursos precisam ser reavaliadas. Trata-se de uma pesquisa que pode dar um apoio fundamental para reorientar ou repensar a adequação das grades de todos os cursos voltados para o agronegócio. O resultado de uma adequação deste tipo pode causar, a médio e longo prazo, um impacto considerável do crescimento tanto do PIB da cadeia produtiva do leite quanto do PIB agrícola total do País.